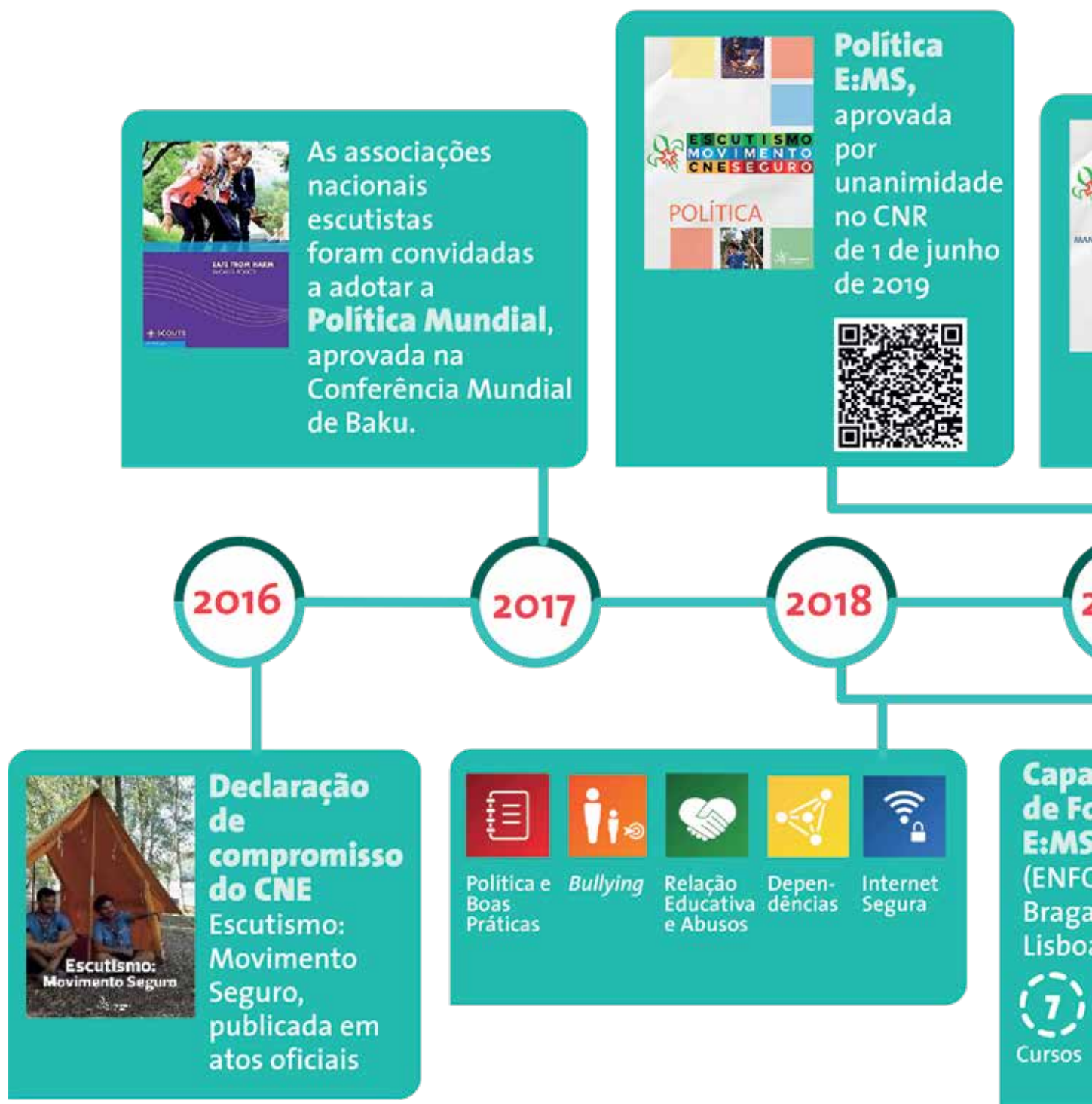
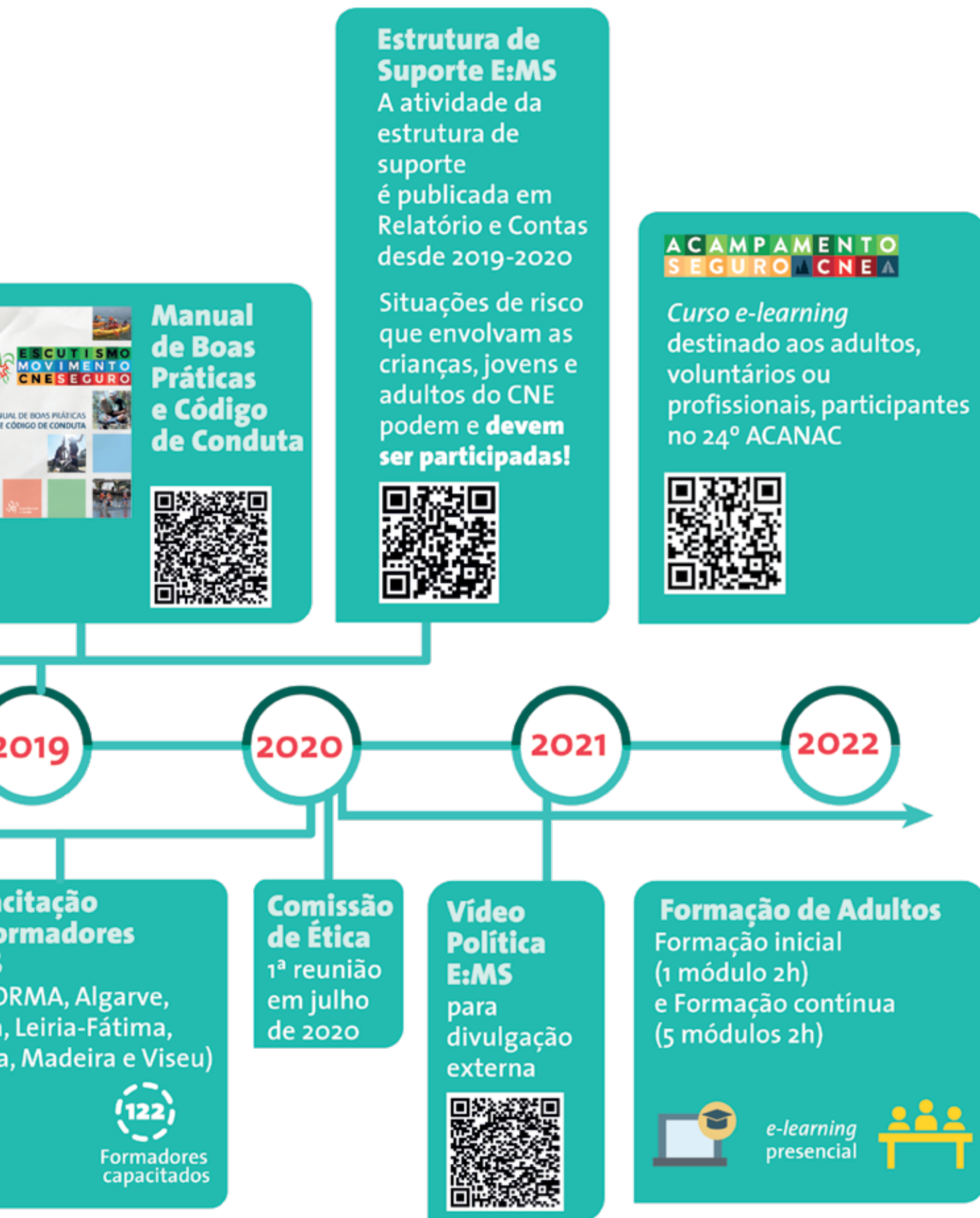


O Escutismo: Movimento Seguro surge em 2016, como uma declaração de compromisso do Corpo Nacional de Escutas, enquanto maior movimento de educação não-formal em Portugal, para a proteção e segurança das crianças e dos jovens. Nesta edição falamos do presente e do futuro do Escutismo: Movimento Seguro, o que existe até ao momento e quais serão os próximos passos. A Dra. Ana Nunes de Almeida, investigadora na área da sociologia da infância e da criança, que integrou a Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra as Crianças na Igreja, conta-nos como os abusos sexuais influenciam a vida de quem é abusado e dá-nos a sua opinião sobre o trabalho de prevenção desenvolvido pelo CNE.

Texto: Cláudia Xavier | Fotos: Ricardo Perna, Susana Micaela Santos, Freepik, António Rendeiro, Gonçalo Pinto, Matilde Gonçalves, Equipa Comunicação Tecoree 2022

DESIGNAÇÃO ADOTADA PELO CNE PARA A ÁREA DA PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO JOVEM







ENTREVISTA

DRA. ANA NUNES DE ALMEIDA

Ana Nunes de Almeida tem um vasto currículo na área da sociologia da infância e da adolescência. É uma investigadora com muita experiência nesta área e coordenou, em 1999, um estudo sobre maus-tratos a crianças na família. É atualmente Presidente do Conselho Científico do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e membro do Conselho Consultivo do Instituto de Apoio à Criança. Foi o seu currículo que a levou a integrar a Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra as Crianças na Igreja Católica.

Texto: Cláudia Xavier | Fotos: Ricardo Perna, Freepik, Susana Micaela Santos

Flor de Lis (FL) - Qual o enquadramento da Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra as Crianças na Igreja Católica?

Ana Nunes de Almeida - A Comissão constituiu-se a partir de um convite que a Conferência Episcopal Portuguesa fez ao Dr. Pedro Strecht para desenvolver um estudo sobre os abusos sexuais na Igreja a crianças, à semelhança do que tinha sido feito em outros países. O objetivo foi fazer um relatório sobre a situação passada, o presente, para se poder atuar de maneira diferente no futuro. O Dr. Pedro Strecht aceitou na condição de poder constituir a sua equipa livremente. Teve essa liberdade e, portanto, escolheu cinco pessoas para trabalharem com ele, quatro das quais tinham experiências na área da infância e na área dos abusos e crimes contra as crianças. O que é sempre muito interessante, porque todos tinham formação disciplinar diferente, como a psicologia, psiquiatria, jurídica, ciências sociais, etc. Com a possibilidade de darem contributos diferentes, desafiou também a Catarina Vasconcelos, fora deste tema porque é cineasta. Pareceu-nos muito importante que existisse alguém da sociedade civil, que pudesse interpelar-nos com perguntas incómodas. A presença da Catarina foi muito importante, porque desassossebou, perturbou, no bom sentido da palavra. Era, portanto, uma equipa multidisciplinar, uma equipa que tinha pessoas de várias gerações.

Flor de Lis - Também é importante, não é?

Ana Nunes de Almeida - Muito importante. Uma das quais nascidas depois do 25 de abril, a Catarina. É a paridade de género, três homens e três mulheres. Quando começámos a trabalhar existia um sentimento de estarmos num terreno completamente movediço e desconhecido. Descrevemos esse trabalho ao longo do nosso relatório. Foi um ano muito intenso. Eu sabia que ia para um trabalho que não era fácil porque já tinha feito um estudo sobre maus-tratos às crianças na família, nos anos 90, encomendado pela Assembleia da República, portanto já tinha lidado com a questão dos maus-tratos a crianças, onde estava incluído o abuso sexual. Já nesse momento tinha ficado bastante perturbada com as descrições. No caso deste estudo, ao longo de meses recebemos aqueles testemunhos, estando por vezes

com as vítimas, porque fazíamos entrevistas presenciais. Foi uma experiência absolutamente devastadora, muito dura. Tive noção de níveis de sofrimento inimagináveis.

Flor de Lis - Nunca tinha conhecido esse tipo de sofrimento?

Ana Nunes de Almeida - A dimensão da devastação que é um abuso sexual é inimaginável. Eu tinha uma espécie de escala de sofrimento na minha cabeça completamente errada, ou seja, não existem abusos que sejam mais graves que outros. Qualquer que seja o abuso é uma experiência completamente devastadora, que destruiu aquela pessoa.

Flor de Lis - Portanto, não está relacionado com o nível de gravidade, mas sim com o impacto que tem na própria pessoa?

Ana Nunes de Almeida - Não queria tirar essas conclusões, por não ser psiquiatra nem psicóloga. Mas o que eu encontrei foram pessoas com a vida destrocada com a forma de abuso que eu, Ana Nunes de Almeida, julgava mais ligeiras. Foi uma experiência única, um trabalho de uma vida. Já tenho esta idade e não vou estar muito mais tempo na Academia, portanto, ao mesmo tempo senti-me agradecida de poder ter contribuído com as ciências sociais para a realização deste trabalho.

Flor de Lis - E em relação aos resultados, qual é a sua opinião?

Ana Nunes de Almeida - Os resultados em grande parte não me surpreenderam. Eu estava absolutamente convencida que o que se passava em outros países também se passava em Portugal. Obviamente pela importância que a Igreja Católica tem na sociedade portuguesa, pela importância que as instituições da Igreja têm no acolhimento, na formação de crianças e, portanto, para mim não foi uma novidade. Nem na quantidade, porque temos noção que ao vermos estes casos são apenas a ponta do icebergue, não se percebe o que está por baixo, uma extensão do fenómeno. O que me surpreendeu foi de facto a ocultação, o facto de existirem tantas vítimas que procuraram contar o que se passava e que, quer os pais quer os seus familiares mais próximos, quer a Igreja, simplesmente os ignorou. Ninguém ajudar a sério, é fazer parte da ocultação, fazer parte do abuso sexual.

Primeiramente foi a própria criança a ocultar, porque se sentiu muito envergonhada, com medo. Quem faz isto é uma pessoa em quem ela tem confiança, e essa pessoa abusou dela.

Flor de Lis - Deixa de ter confiança nas pessoas que a rodeiam, não é?

Ana Nunes de Almeida - Das pessoas que a rodeiam, sente-se completamente cercada. A quem é que vai contar? Não pode, porque dentro da própria família sente-se envergonhada, tem medo de contar aos pais, porque a maior parte que contou levou uma tarefa... Estas vítimas sentiram-se completamente desacreditadas. Eu não tinha noção da dimensão destes círculos de ocultação.

Flor de Lis - É como se fossem várias camadas de ocultação.

Ana Nunes de Almeida - Sem dúvida. O que também me surpreendeu foi a quantidade de mulheres que prestaram o seu testemunho, que acho estar relacionado com o poder e o protagonismo que a mulher ocupa na sociedade portuguesa. A nossa amostra era de gente qualificada, altamente escolarizada.

Flor de Lis - No futuro quais são os principais focos de ação? Sente que o relatório é o início de uma mudança?

Ana Nunes de Almeida - Eu ainda não sinto nada, mas estou muito expectante. Alguns bispos levaram muito

a sério as conclusões do relatório, aliás não estavam à espera de outra coisa, não é? Houve um desvio de atenções para detalhes e para coisas que até nem eram a nossa função, como as famosas listas. Houve uma mudança de agulha e uma desfocagem daquilo que é importante. As nossas recomendações são para a mudança de paradigma, de cultura. E agora, mais que nunca, nós sentimos essa necessidade. A atitude da Igreja deverá colocar a vítima no centro de todo o discurso, no centro de toda a narrativa e no centro de toda a preocupação.

Flor de Lis - Que mais se poderá fazer pelas vítimas?

Ana Nunes de Almeida - Deve criar-se um movimento empático de proximidade com as vítimas. Acreditar no que elas estão a contar, de maneira a que elas possam dirigir-se à Igreja ou a quem for para validar estes testemunhos. É preciso que as pessoas sintam e retomem a confiança. Acho que tudo o que se tem dito, tudo o que tem vindo a público têm um efeito altamente perturbador, sobretudo nas vítimas, em que elas pensam que estão novamente a duvidar delas. É preciso mudar a cultura do clericalismo, da defesa da instituição, da reputação da instituição, para nos centrarmos nas vítimas. Esse é um primeiro passo importantíssimo, que deve ser afirmado de forma convincente, genuína, humana. Falta humanidade na mensagem, eu sou católica praticante e não vejo Cristo.





[...] «dar aos vossos profissionais, aos voluntários do CNE, conhecimentos sobre a infância, sobre o que é uma criança. Sobretudo, sobre o desenvolvimento saudável de uma criança, do que ela precisa.» [...]

Flor de Lis - Nota-se que as pessoas estão a contar a verdade nos seus testemunhos?

Ana Nunes de Almeida - É uma dor sentida, foi por isso que nós colocámos os testemunhos no relatório. Já reparou que se discutem percentagens, mas que ninguém coloca em causa os testemunhos? Tem detalhes de como, por exemplo, as vítimas descreveram os seus abusadores. Os psiquiatras ficavam impressionados como se recordavam dos detalhes. Acho o trabalho da Comissão importantíssimo, já devia ter sido criada há mais tempo. A nos-

sa função era fazer um estudo, não era seguir e acompanhar as vítimas. Muitas destas vítimas continuam a contactar connosco, era impossível não fazer isso porque é desumano. Demos orientação a muitas delas, porque as pessoas não têm onde se dirigir. Nós estávamos conscientes durante o estudo que o relatório iria desinquietar, perturbar, transtornar o quotidiano de imensas vítimas.... Das que falaram, mas também das que não falaram e que com todas as lembranças sentem agora uma dupla culpa, porque não conseguiram fugir, porque não tiveram a coragem dos outros para contar o seu caso.

Flor de Lis - Que acompanhamento é necessário?

Ana Nunes de Almeida - É necessária uma Comissão que funcione. Não tenho nada contra as Comissões Diocesanas, mas a avaliação que nós fizemos durante os meses do estudo é que muitas delas pura e simplesmente não funcionavam. Muitas delas demoravam muito tempo a responder. Uma vítima, quando se dirige a alguém, tem que ter uma resposta. Nós tínhamos muito cuidado para responder no máximo em 24 horas. Nós não podemos perder uma pessoa que quer contar a sua história, porque é preciso tanta coragem que às vezes não há uma segunda vez. Essas comissões demoravam meses a responder, e muitas das vítimas eram recebidas em tom de

polícia judiciária: «Tem a noção do que vai dizer? É muito importante dizer a verdade, não pode incorrer em difamações.» É tão intimidadora esta abordagem... Tudo isto é legítimo, mas não é isso que se pode dizer na primeira abordagem, onde se tem de estar de braços abertos, dizer «estou aqui para ouvir, sem juízos, não tenha medo, não tenha vergonha.» A vergonha fica com o abusador, porque nós estamos aqui para ouvir, para abraçar e acolher. Portanto, é fundamental que exista essa Comissão que não só ouça os testemunhos, como depois possa encaminhar as denúncias.

Flor de Lis - Em relação ao Corpo Nacional de Escutas, que benefícios considera que o Escutismo: Movimento Seguro poderá trazer para a estratégia de proteção de crianças e jovens?

Ana Nunes de Almeida - Acho importantíssimo. Vocês são dos raros casos que já têm um protocolo em prática, portanto acho que é muito mais difícil haver qualquer problema agora em relação ao que havia há dez anos atrás. Não tenho dúvidas. Acentuaria talvez que é fundamental fazer um trabalho com as próprias crianças, ou seja, alertá-las para aquilo que é legítimo acontecer. Sobre o seu corpo, quais são os limites, o que é que um adulto pode ou não fazer. Porque as crianças têm de ser a sua própria defesa. Os pedófilos existirão sempre, estão onde as crianças estão, como é óbvio não vão estar num lar de idosos, não é? Portanto, acho que esta dimensão de as crianças estarem conscientes dos seus direitos, não quer dizer que exista algum problema em alguém dar um beijinho ou fazer uma festa na cabeça, porque não podemos passar para o extremo. Trata-se de definir o que é ou não legítimo. ■

Continua a leitura desta entrevista na Flor de Lis Online, neste qr-code:





○ FUTURO DO ESCUTISMO: MOVIMENTO SEGURO

O Escutismo Movimento Seguro (E:MS) é um dos marcos históricos no Corpo Nacional de Escutas, que tomou uma posição para criar uma estratégia de proteção da criança e do jovem, sendo que a formação é uma das ferramentas para pôr em prática esta estratégia.

Texto: Cláudia Xavier | Foto: António Rendeiro, Arquivo CNE

A política do E:MS foi aprovada por unanimidade em Conselho Nacional de Representantes, o que significa que os Dirigentes do CNE estão conscientes da importância que esta ferramenta de suporte tem para a associação.

Para o futuro existem muitas novidades, para que o CNE seja cada vez mais um exemplo na área de proteção das crianças e jovens. Fica a conhecer!



Proj(y)eto Camin(h)o Seguro

É um projeto desenvolvido em conjunto com o Movimento Scout Católi-

co (MSC) sobre a Proteção na Infância, financiado pela Fundação Porticus, no âmbito do Programa H3 «Head, Heart and Hands», que visa trabalhar a grande temática do *Safeguarding*, através de diferentes abordagens, considerando que a mudança é criada primeiro pela cabeça, com a consciência e compreensão das situações; produzindo-se depois um movimento emocional do coração que através da sensibilização leva à assunção de responsabilidades e à ação prática das mãos. No contexto específico deste projeto, as principais atividades incluem capacitação, elaboração de conteúdos educativos e formativos, campanhas de sensibilização e de comunicação e *networking*.



Microsite

Local onde serão alojados todos os conteúdos, recursos, instrumentos, contactos, entre outros, que forem desenvolvidos ao longo do Proj(y)eto Camin(h)o Seguro.



Recrutamento Seguro

Um projeto de Consultoria Programa Ação Inov, dinamizado pela TESE e financiado pela Porticus e AGEAS. Trata-se de um documento que define o procedimento de recrutamento de um adulto voluntário no CNE, seja ele interno ou externo. É um documento que estabelece passo a passo o procedimento, que instrumentos utilizar, como analisar os resultados e o que fazer face aos resultados obtidos, integrado na vivência, política e normas já em vigor na associação. Para a definição desta estratégia foi efetuada a auscultação de vários Chefes de Agrupamento sobre esta temática, o que permitiu o desenvolvimento de instrumentos com base nas suas opiniões, para criar uma ferramenta prática que os apoie na tarefa de recrutamento.



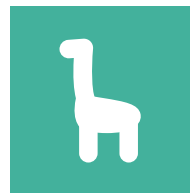
Especialidade

Criação de uma especialidade sobre esta temática, em conjunto com a Secretaria Nacional Pedagógica.



Agrupamento Seguro

Ferramenta que permite ao agrupamento autoavaliar-se relativamente ao cumprimento das medidas de proteção e segurança da criança e do jovem que constam da Política E:MS que permite ao agrupamento posicionar-se na estratégia E:MS, através da atribuição de um certificado.



Segura-te (Girafa)

- Criação de recursos para trabalhar com os jovens, visando a capacitação preventiva na temática da proteção e cuidado, orientados para cada unidade e explorando cada uma das áreas prioritárias. ■

